



DEUSA VIVA

Um informativo do Círculo de Mulheres Teia de Thea
Lua Cheia – Agosto de 2018 – nº 231

Plenilúnio em Peixes, Sol em Virgem Lua da Colheita

Conceito da polaridade astrológica

Peixes é um signo de água, cujas características principais são a compaixão, a sensibilidade e a busca da realização espiritual. Virgem é um signo de terra, que valoriza a organização, a análise e discriminação racional, a responsabilidade e o serviço. A combinação das qualidades de água e terra favorece a fertilidade, o plantio e a colheita. É uma data propícia às práticas oraculares e à abertura da percepção psíquica, compartilhando os frutos – dos esforços pessoais ou da própria terra – agradecendo os resultados e as dádivas (flores, frutos, filhos, poemas, projetos, realizações criativas ou artísticas como canções, pinturas, danças, artesanato). Avaliam-se os resultados, ponderando sobre os erros e as dificuldades e preparando a terra e as sementes para a próxima colheita.

Divindades

As deusas do mar mais conhecidas são Afrodite, Ahes, Anfitrite, Asherah, Atargatis, Donzelas das Ondas, Iemanjá, Ilmatar, Ísis, Leucothea, Levanah, Mama Watta, Marah, Návia, Nehelenia, Nina, Ran, Salácia, Sedna, Tétis, Tiamat, A Velha Mulher do Mar, Ys.

Rituais

Para celebrar a abundância da colheita, exterior e interior; proporcionar a abertura da percepção psíquica em viagens astrais ou xamânicas, canalizações, radiestesias ou oráculos; oferendas para os seres da natureza e a Mãe Terra; purificação com água do mar; irradiação em benefício das áreas poluídas ou dos desmatamentos do Planeta; invocação da compaixão divina para curar a humanidade, por intermédio de Maria e de Kwan Yin.

Mentalização

Esvazie a mente para sentir a ligação com o plano divino. Concentre-se em sua respiração e entoe o mantrar OM, irradiando paz e luz para o Planeta e para a humanidade.

Afirmação

“Sinto-me conectada ao Divino e desapego-me de todo o supérfluo.”

Matriarca da Nona Luação

É “A Mulher do Sol Poente”, a guardiã das gerações futuras. Ela nos ensina a encontrar a verdade pessoal, encarando o futuro sem medo e manifestando nossas visões na Terra. Somos responsáveis pelas próximas sete gerações e não devemos lhes deixar um legado negativo, doentio ou fragmentado.



Em 26 de agosto celebra-se o festival de Ilmatar ou Luonnotar, a deusa finlandesa da água, Grande Mãe que organizou o caos e criou a Terra. Filha virgem do ar e da natureza, Ilmatar possuía imensos poderes criativos, sendo também conhecida como a “Mãe dos Céus e da Água”. Quando precisar da ajuda da deusa Ilmatar para conceber uma criança ou melhorar sua criatividade, crie um altar com ovos e flores. Acenda uma vela vermelha e queime incenso de rosas ou uma vela amarela e incenso de canela. Projete-se mentalmente para um lago tranquilo, navegando ao lado da deusa. Faça seu pedido e ouça sua orientação, agradecendo por sua sabedoria e seu amor.

textos de Mirella Faur
no livro O Anuário da Grande Mãe

Ilmatar e o Mistério da Criação

por Nyx



Na Finlândia venta bastante. Tanto que ultimamente os finlandeses tiveram a maravilhosa ideia de expandir seus parques de moinhos de vento, aumentando a produção de energia renovável e dando um refresco para a Mãe Terra. Mas o que isso tem a ver com Ilmatar, Deusa finlandesa da criação, filha do Céu e personagem da epopéia de Kalevala? É que os povos antigos, em sua peculiar sabedoria, tinham um contato profundo com a natureza, e descobriam a divindade nos aspectos que mais lhes saltavam aos olhos. O Brasil, por exemplo, é o país de maior incidência de raios do mundo. Só na Amazônia, morada de Tupã, Deus do Trovão, caem milhões de raios por ano! Enquanto isso, um pouco acima, Pele preside os vulcões do Havai. E se formos um pouquinho para o leste, vamos encontrar o Rio Niger, águas sagradas de Oyá.

Na Finlândia venta bastante, e talvez seja por isso que os povos de lá foram acolhidos pela Deusa do Vento Ilmatar - a primeira consciência do universo, que pairava entre as águas do mar profundo e o vasto céu, rodopiando na brisa e brincando com tiras de arco-íris. Um dia estava Ilmatar dançando com seu lindo arco-íris, provavelmente não muito diferente de uma ginasta rítmica com sua colorida faixa, quando o Vento do Leste passou por seu caminho, balançou a Deusa fortemente pelos ares e a engravidou.

Ora, ora. Agora a Deusa não estava mais sozinha, fato que a deixou muito feliz, pois há muito Ilmatar – cujo nome significa “espírito feminino do ar” – desejava uma criança. Até aquele momento sua vida tinha sido marcada por uma pontada de solidão e tédio, mas agora as coisas iam ser diferentes. Só havia um probleminha: não existia ainda terra firme na qual ela pudesse dar à luz. Só mar, mar e mais mar, que Ilmatar sobrevoou com seu barrigão por sete séculos!

Cansada e sem saber para onde ir, Ilmatar um dia avistou um pontinho no horizonte. Era uma marrequinha celeste que vinha em sua direção. A ave, exausta e meio zozna, estava em uma situação muito semelhante à de Ilmatar – procurava sem êxito um local para por seus ovos. A Deusa, compadecida, ofereceu seu joelho à marreca, que ali pousou, colocou seis ovos cósmicos dourados e um ovo de ferro, sentou sobre eles e caiu no sono.

Pessoas que têm um amigo de quatro patas sabem bem o que é isso. O cachorro ou o gatinho decidem tirar uma soneca gostosa no seu colo, e você acha tudo muito fofo... até que você precisa se mexer, mas não quer acordá-los. Era nessa mesmíssima situação que se encontrava Ilmatar, flutuando sobre as águas com seu barrigão e uma marreca dormindo e sete ovos em cima do joelho! A marreca, que chocava os ovos, ficou bem quentinha, e Ilmatar tentou se espreguiçar devagarinho para não incomodar a ave. Mas não teve jeito: a marreca acordou e os sete ovos caíram no mar revolto, se partindo um a um.

Para surpresa de Ilmatar, das cascas prontamente ergueu-se a terra, das gemas surgiu o sol e das claras nasceu a lua. Os demais pedacinhos viraram as estrelas e o ovo de ferro transformou-se em uma nuvem escura de tempestade. Empolgada com tanta novidade, Ilmatar dedicou-se a dar os toques finais. Passou um tempão criando rochas, árvores, ilhas, animais, praias - tudo que lhe parecia belo e maravilhoso, Ilmatar esculpia e moldava com prazer e determinação.

Ela estava tão fascinada e distraída com sua criação que quase esqueceu um detalhe muito importante! De fato, passou mais trinta verões até se dar conta de que, opa, agora tinha terra firme para dar à luz...O trabalho de parto não foi nada fácil, mas no final nasceu Vainamoinen, a criança do vento, da poesia, da música, da magia e o primeiro xamã.

O compositor finlandês Sibelius, em seu poema sinfônico Luonnatar – outro nome de Ilmatar - descreve o mito da Deusa como uma metáfora para o processo poderoso da criação – divina, humana e artística – cheia de possibilidades e simplesmente inevitável. De fato, Ilmatar nos ensina que toda criação tem seu tempo, mas uma vez iniciada, ah, não tem como parar. É um processo interno e externo, uma explosão intuitiva vinda de nossa própria gestação, mas também de nossa interação com a natureza e com os outros, com fascínio, compaixão, simpatia, leveza, dor, espanto... e por que não dizer acaso? Afinal, Ilmatar não tinha ideia do que havia naqueles ovos da marreca, e não podia antever o resultado do que estava por vir.

Para finalizar sua criação, Ilmatar a gestou por sete séculos, par numérico com o processo animal e instintivo da marreca, que chocou sete ovos - o sete representa a totalidade, a perfeição, a consciência, a intuição, a espiritualidade, a vontade, os ciclos e a renovação - e trabalhou por mais trinta anos – o três representa a unicidade dividida. É o número perfeito dos filósofos chineses e de Pitágoras, a junção de dois que cria a diversidade. Mas nada seria possível se não houvesse terra à vista! Por mais geniais que sejam nossas ideias, elas não saem do plano das intenções sem solidez, preparação, ação, estabilidade e firmeza. Ilmatar nos ensina, assim, que a criação nasce do equilíbrio: inspiração e técnica, determinação e flexibilidade, ideia e ação, coisas do ar e coisas da terra!

Todas nós, um dia, experimentamos este soprar de inspiração criativa e esta atividade louca. A Deusa, em sua enorme generosidade, nos fez criadoras, exatamente como ela. Essa centelha divina nos toca tão fortemente que muitas vezes esquecemos de tudo quando estamos debruçadas sobre nossos pequenos e grandes projetos. Eu mesma, que comecei o dia sem saber como finalizar este artigo, agora olho o relógio e vejo que se passaram várias horas, como mágica. Nossas criações são muitas vezes assim: a gestação pode ser longa e até mesmo trabalhosa, mas quando menos esperamos, nossos esforços dão frutos e nossos planos voam nas asas de uma marrequinha cósmica, carregada de ovos misteriosos.

E desta vez, o que será que tem dentro deles? Uma deliciosa receita de bolo, um xale para a xamã, ou o nascimento de um universo inteiro?

Círculo da Dança – a natureza sagrada em movimentos

por Andrea Boni

Na geometria da dança de roda, nos reconhecemos como faces sagradas da natureza, ao expressarmos em movimento, a antiga linguagem simbólica, ligação entre diferentes culturas e tradições ao redor do planeta.

Símbolo da unidade, o círculo aparece na arte ancestral, milênios antes da era cristã, representando a dança realizada em adoração às divindades ou aos astros. As imagens do cotidiano nos achados rupestres dos povos pré-históricos incluem rituais e danças em desenhos primitivos feitos nas paredes e superfícies de cavernas, nos abrigos rochosos e ao ar livre.

O círculo da dança reproduz o ciclo das estações, o movimento do Sol, das estrelas, da própria Terra. O movimento circular, perfeito e imutável, não tem começo ou fim, pois todos os pontos do círculo são pontos de retorno. Uma vez que se percorre um círculo, gira-se 360°, sem que se perca a relação com o centro. O círculo representa uma imagem microscópica do espaço cósmico original, símbolo da eternidade.

Nos achados arqueológicos, com influências célticas, é recorrente a espiral, figura carregada de significados nas suas tantas variações. Surge a partir do movimento circular, saindo do ponto original, como representação da evolução. A espiral retrata o ritmo do movimento da vida. A cultura celta transmitia os seus símbolos através de rituais, músicas, contos e danças.

O labirinto, tão bem desenhado pelos corpos em movimento nas danças em círculo, é a mistura da espiral e da trança. Muitos são os registros dos labirintos encontrados nas antigas civilizações, esculpidos em pedras, no solo das igrejas e jardins, simbolizando o entrecruzamento de caminhos em busca do centro. O labirinto conduz o homem ao interior de si mesmo, a uma espécie de santuário interior. Para os antigos, caminhar pelo labirinto significava percorrer um caminho iniciático.

A Deusa, em suas múltiplas formas e faces, revela os aspectos da sua transformação, também pelo movimento, seja na dança dos ciclos lunares ou nas evoluções coreográficas feitas para atrair a fertilidade, tão bem retratadas nas danças tradicionais de mulheres, repetidas pelos tempos em honra à Grande Mãe ou para celebrar o plantio, a sementeira, as colheitas.

As qualidades das danças dos povos nos revelam, também, características de cada cultura, preservadas em uma tradição oral repassada a cada passo, até os tempos atuais. Os movimentos gregos na dança, por exemplo, estabelecem a conexão com a terra e propiciam o centramento aos dançarinos, facilitando a concentração, aumentando a determinação e uma forte ligação com a ancestralidade. Já as danças escocesas são alegres e expansivas, geralmente dançadas em pares, e expressam a alegria de um povo que vive em festa.

Os dançarinos russos demonstram, na coluna ereta, a imponência. Estão sempre focados em um propósito à frente. Ao mesmo tempo, os passos das danças russas preservam a leveza e a graciosidade dos movimentos, principalmente no caminhar.

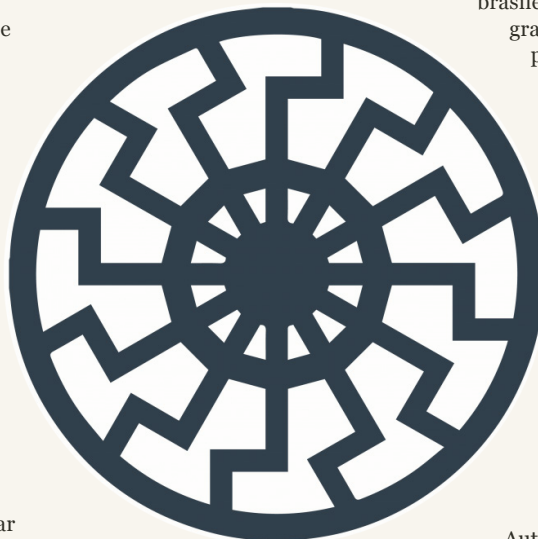
As danças brasileiras nos conectam com uma cultura cheia de sensualidade e criatividade. As cirandas e as cantigas relembram as rodas infantis e nossa memória lúdica; as indígenas são um retorno ao contato com os elementos e o poder de cada um.

Não à toa, a dança de roda foi escolhida pelo pintor brasileiro Candido Portinari para ilustrar a paz nos grandiosos painéis intitulados Guerra e Paz, pintados em 1955, e expostos na entrada da sede da Organização das Nações Unidas (ONU) nos Estados Unidos.

No Brasil, o chamado Movimento Mundial de Danças Circulares ficou conhecido a partir da divulgação dos festivais anuais realizados na comunidade de Findhorn, na Escócia. O movimento teve muito da sua origem nos estudos do bailarino clássico e pesquisador Bernhard Wosien. Primeiro bailarino solista no Teatro Estadual Prussiano, em Berlim, desenvolveu uma disciplina espiritual a partir da metodologia do balé clássico. Sua filha, Maria-Gabriele Wosien continuou a pesquisa do pai.

Autora de vários livros sobre danças circulares, Gabriele, ainda hoje, ensina coreografias com grande reverência à interpretação simbólica. No livro Dança -

Símbolos em Movimento, ela nos lembra que “a dança religiosa utiliza símbolos, por meio das figuras gráficas, de acordo com o meio cultural, principalmente por meio dos símbolos espaciais do círculo, que está relacionado com um centro, através da roda de raios ou mandala; através do da cruz como árvore do mundo; através do semicírculo como círculo da lua; e através das diferentes formas de meandros. O dançarino, por meio das formas geométricas, que se interligam e se relacionam, por meio dos gestos do seu corpo, constrói na dança sagrada uma ordem que corresponde à ordem do cosmos”.



Quem dança em círculo encontra o seu lugar na dança divina, na dança sagrada. É quem executa a dança dos ciclos, da vida-morte-vida, resgatando os antigos mistérios, simbolizados pelo movimento circular.

Runalgaldr, Galdr Magic, Galdor - A Magia Rúnica dos Sons

por Mirella Faur
(trechos do livro *Mistérios Nórdicos*)

Uma das mais fascinantes, poderosas e misteriosas áreas da magia nórdica é o uso dos símbolos mágicos e dos traçados rúnicos. Chamados de galdor staves, eles eram divididos em três categorias: ægishjalmr ou “elmos de proteção”, galdramyndir ou “sinais mágicos” e galdrastafir, “varetas mágicas”. A base dessas antigas fórmulas eram complexas combinações de runas estilizadas ou modificadas de acordo com a finalidade. Após traçá-las (no ar) ou gravá-las (sobre varetas de madeira ou pergaminho), o mago recitava encantamentos, orações e galdor songs, para impregná-las com poder.

Essa magia rúnica dos sons originou-se principalmente na Islândia, onde foi preservada e utilizada até o século XVIII e documentada em manuscritos conhecidos como galdraboekur. Um deles foi conservado intacto - o Galdrabok, traduzido para o inglês e até hoje uma fonte de informação para os estudiosos e praticantes da magia rúnica. Os islandeses consideravam sua magia um dom das divindades e continuaram seus cultos mesmo com a proibição e severa perseguição da Igreja Cristã.

Equivalente ao mantra hindu, galdr é o som que, junto com o nome e a forma da runa (associado ou não à stadhá, a postura), consiste no meio principal para permitir a expressão do poder rúnico. Cada runa tem, além do seu nome, um som específico, galdr, que é a maneira sutil, porém extremamente poderosa, de atrair, concentrar e direcionar os atributos e efeitos mágicos da runa. Ao entoar o galdr, o vitki se conecta com a energia rúnica e a atrai para seu campo sutil, de onde pode projetá-la, pela força de vontade, para imantar o objeto (talismã) ou direcioná-la por meio das ondas vibratórias e sonoras para um objetivo específico. O valor dos sons rúnicos individuais está no fato de servir como “sementes sonoras” (kernals), que, combinadas com outros sons, formam “palavras-semente” que podem ser expandidas indefinidamente.



A prática do galdr exige uma técnica especial, que proporciona à respiração a amplitude e o ritmo adequados, mas sem causar tensão ou esforço. Durante a inspiração, o vitki visualiza a absorção da energia rúnica através dos centros de força (chakras). Enquanto segura a respiração por alguns momentos, ele mentaliza o nome, o som, a forma e os atributos da runa. Ao expirar, ele entoar o galdr e, por meio dele, projeta a força rúnica para o propósito escolhido.

Próximos Rituais

24 de setembro (segunda-feira)
Plenilúnio da Deusa Odudua

24 de outubro (quarta-feira)
Plenilúnio da Deusa Arianrhod

31 de outubro (quarta-feira)
Celebração de Samhain -
Noite de Reverência às Ancestrais

FUTHARK - nova canção das Melissas

A ideia de gravar o *single Futhark* surgiu para viabilizar o novo álbum das Melissas, as cantoras da Teia de Thea. O *single* foi produzido no início de 2018, de forma totalmente independente.

O *Futhark* foi escolhido por ser utilizado para criar a proteção no círculo rúnico, quando são entoadas as runas sagradas do antigo alfabeto, nos grupos de estudo nórdico da Teia de Thea e nos rituais. Uma conexão profunda e ancestral!

O álbum *Vozes da Deusa* e o *single Futhark* podem ser ouvidos em todas as plataformas digitais: iTunes, YouTube, Deezer e Spotify!

Deusa Viva

Um informativo do Círculo de Mulheres Teia de Thea

Expediente

Edição: Andrea Boni e Cynthia Sims
Textos: Mirella Faur, Nyx, Andrea Boni
Imagens: Internet
Informações: www.teiadethea.org
(61) 98233-7949
teiadethea@teiadethea.org
deusaviva@teiadethea.org